ISSN: 2358-8829

ENTRE ‘BABA’ E O EMPODERAMENTO: O QUE KELLY KEY ENSINA SOBRE SER MULHER?

Mikaelly Ferreira de Lima [1]
Alcidesio Oliveira Da Silva Junior [2]

INTRODUÇÃO

A música pop constitui um importante espaço de produção de significados, identidades e representações. Este trabalho tem como objetivo analisar as canções “Chic Chic”, “Cachorrinho” e “Baba Baby”, interpretadas pela cantora brasileira Kelly Key, buscando compreender as representações do feminino em algumas de suas canções dos anos 2000. Fundamentada nos Estudos Culturais em Educação e nos estudos de gênero e sexualidade, a pesquisa investiga como essas músicas abordam e ensinam questões relacionadas ao corpo, ao desejo, à sensualidade, aos relacionamentos e à autonomia feminina.

Além disso, busca identificar os jogos discursivos presentes nas canções, considerando a coexistência entre o protagonismo feminino, a liberdade de escolha e a reprodução de padrões de beleza e normas sociais de feminilidade. A música é compreendida como uma pedagogia cultural que participa da construção de identidades e incita modos de pensar, agir e compreender o feminino. Dessa forma, o estudo contribui para as reflexões sobre as relações entre música pop, educação, gênero e cultura, evidenciando as disputas em torno dos significados atribuídos às mulheres na sociedade brasileira.

METODOLOGIA

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),mikaelly.ferreira@aluno.uepb.edu.br;
[2] Professor orientador: Doutor em Educação (UFPB), Professor do Centro de Educação (UEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB), alcidesio.junior@servidor.uepb.edu.br

ISSN: 2358-8829

A pesquisa é de abordagem qualitativa e caráter interpretativo, desenvolvida por meio da análise cultural, com base nos Estudos Culturais em Educação e nos estudos de gênero e sexualidade. O corpus é composto por três músicas de Kelly Key, Baba Baby (2001), “Cachorrinho” (2001) e “Chic Chic” (2003), , e teve como critério de seleção aquelas com mais popularidade no repertório da cantora. A metodologia consistiu na leitura e interpretação das letras acessadas pela internet, considerando as representações de feminilidade, os papéis de gênero, o protagonismo feminino, a valorização da aparência e do corpo e as tensões entre empoderamento e sexualização. A análise fundamentou-se nas contribuições de Judith Butler (2018), Guacira Lopes Louro (2001) e Alcidesio Oliveira da Silva Junior (2023). As músicas foram compreendidas como artefatos culturais que produzem significados sobre o feminino, permitindo identificar tanto questionamentos às normas tradicionais de gênero quanto a reprodução de padrões de beleza e feminilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se analisa o lugar da mulher na sociedade, observa-se que, historicamente, sua posição esteve associada a relações de subordinação à figura masculina, sendo marcada por diferentes formas de opressão social, cultural e simbólica. Essas construções foram amplamente naturalizadas ao longo do tempo, contribuindo para a consolidação de desigualdades de gênero que limitaram a atuação feminina em diversos espaços, tais desigualdades não são naturais, mas sim resultado de processos históricos e discursivos que moldam as identidades sociais.

Nessa perspectiva, Butler (2018), compreende-se que as identidades de gênero são produzidas e reguladas por normas sociais que delimitam quais corpos, comportamentos e modos de existir são considerados legítimos. A partir disso, a produção musical de Kelly Key, especialmente no contexto dos anos 2000, pode ser compreendida como parte de um espaço cultural no qual diferentes representações do feminino eram colocadas em circulação. Ao abordar temas relacionados ao desejo, à sexualidade, aos relacionamentos e à autonomia, suas músicas tensionam determinadas expectativas sociais atribuídas às mulheres, contribuindo para ampliar as possibilidades de identificação e reconhecimento. Dessa forma, suas produções são tomadas como artefatos culturais que participam da construção de outros modos de compreender e

ISSN: 2358-8829

vivenciar o feminino, permitindo que outras mulheres se reconheçam e imaginem diferentes formas de existir e ocupar espaços sociais.

É nesse ponto que a discussão se aproxima dos Estudos Culturais em Educação, compreendendo a cultura como um espaço de produção, circulação e disputa de significados. Nessa perspectiva, músicas, videoclipes e outros produtos midiáticos não são compreendidos apenas como formas de entretenimento, mas como pedagogias culturais que participam da construção de representações sobre os sujeitos e suas formas de existência.

Assim, analisar a produção musical de Kelly Key implica observar como suas músicas, inseridas no contexto cultural dos anos 2000, ensinam determinadas representações sobre o feminino, o desejo, a sexualidade, os relacionamentos e a autonomia. Essas representações podem tanto reproduzir normas já estabelecidas quanto tensioná-las, produzindo outras possibilidades de identificação e reconhecimento para as mulheres. Entendemos que, a partir dos Estudos Culturais em Educação, os artefatos da cultura pop podem operar "como espaços de produção e disputa de significados, nos quais diferentes modos de ser, pensar e viver são colocados em circulação" (Silva Junior, 2023, p. 164).

É nessa perspectiva que podemos compreender a música pop para além de seu caráter comercial ou de entretenimento. Como aponta Silva Junior (2023), a cultura participa da produção de modos de vida e de diferentes formas de compreender e habitar o mundo. Assim, os produtos culturais não apenas refletem a sociedade, mas também participam da produção de sujeitos, identidades e subjetividades. A partir dos anos 2000, essas disputas tornam-se particularmente significativas no campo da música pop, espaço no qual diferentes artistas passam a tensionar representações tradicionalmente atribuídas às mulheres.

Escrever sobre Kelly Key é quase como apertar o botão de voltar no tempo e desembarcar diretamente nos anos 2000. Com suas roupas coloridas, o rosa marcante, acessórios, maquiagem, cabelos e uma estética que misturava vaidade, sensualidade e atitude, a cantora se tornou uma das principais referências da imagem da jovem "patricinha" na cultura pop brasileira. Suas músicas, como "Baba", "Cachorrinho" e "Chic Chic", traziam batidas dançantes, letras acessíveis e um forte apelo visual, fazendo com que sua presença ultrapassasse as rádios e chegasse à televisão, às festas e ao cotidiano de muitas meninas. Para quem viveu aquela época, Kelly Key não era

ISSN: 2358-8829

apenas uma cantora: seu estilo era reconhecível, desejado e imitado, influenciando inclusive meninas mais novas que cresceram ouvindo suas músicas e tendo contato com sua imagem por meio da televisão, das irmãs, amigas e familiares.

Kelly Key marcou a cultura pop dos anos 2000 ao construir uma imagem divertida, colorida e sensual, abordando temas como relacionamentos, comportamento e autonomia feminina. Sua representação apresentava contradições, pois, ao mesmo tempo que transmitia protagonismo e afirmação feminina, também fazia parte de uma indústria cultural que sexualizava o corpo da mulher. Sua presença na televisão e na música tornou-se importante para compreender como as mulheres eram representadas e incentivadas a ocupar espaços públicos naquele período. Assim, Kelly Key vai além da nostalgia, sendo uma figura relevante para refletir sobre as possibilidades e contradições da feminilidade na cultura de massa.

Dessa forma, Kelly Key pode ser compreendida como uma artista que ajudou a tensionar determinadas expectativas sobre o comportamento feminino na cultura pop dos anos 2000. Ao falar de relações, desejo e autonomia a partir de uma perspectiva feminina, ela contribuía para deslocar a mulher da posição de simples personagem ou objeto das narrativas masculinas para a de alguém que também podia construir e expressar sua própria narrativa. Ao mesmo tempo, sua imagem estava inserida em uma indústria cultural que valorizava a aparência e a sensualização do corpo feminino, revelando justamente as contradições que atravessavam essa representação. Assim, sua trajetória ultrapassa o fenômeno musical e se torna importante para compreender as disputas em torno da visibilidade, da voz e do lugar das mulheres na cultura de massa brasileira no início dos anos 2000.

Os anos 2000 foram marcados por intensas transformações sociais, culturais e tecnológicas, especialmente com a popularização da internet, dos celulares e das redes sociais. Nesse período, plataformas como Orkut e MSN Messenger passaram a fazer parte do cotidiano dos jovens, criando novas formas de comunicação, interação e expressão. No Brasil, o Orkut teve grande destaque, tornando-se um importante espaço de sociabilidade virtual. Segundo Sales e Paraíso (2010), cerca de 70% de seus usuários tinham menos de 30 anos, evidenciando a forte presença juvenil nesses ambientes digitais. Essas mudanças influenciaram os modos de vida, os relacionamentos e as formas de construção das identidades, além de transformar a produção e o consumo cultural. Nesse contexto, a internet também contribuiu para ampliar a circulação de

ISSN: 2358-8829

músicas, artistas e tendências, fortalecendo a cultura pop e sua influência sobre os comportamentos e as representações sociais da época.

No campo cultural, os anos 2000 foram fortemente influenciados pela cultura de massa e pela mídia televisiva. No Brasil, programas de auditório, novelas e canais musicais desempenhavam um papel central na formação de gostos e tendências. A música pop e o funk ganharam grande visibilidade, com artistas que investem não apenas na sonoridade, mas também na construção de uma imagem marcante. Nesse cenário, nomes como Kelly Key se destacaram ao dialogar diretamente com o público jovem, utilizando elementos como dança, estética e temas ligados ao cotidiano.

No que diz respeito às mulheres, esse período foi caracterizado por uma maior visibilidade e participação em diferentes espaços sociais, como o mercado de trabalho e o ensino superior. No entanto, essas conquistas não significaram a superação das desigualdades. Muitas mulheres passaram a enfrentar a chamada dupla jornada de trabalho, na qual acumulam responsabilidades profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família, funções historicamente atribuídas ao feminino. Essa sobrecarga evidencia que, apesar dos avanços, a divisão de papéis dentro da sociedade ainda permanecia desigual.

Além disso, a mídia frequentemente apresentava figuras femininas que mesclavam independência e sensualidade, evidenciando as contradições presentes na construção do papel da mulher. Ao mesmo tempo em que a mulher era retratada como mais autônoma e ativa, ainda havia forte pressão para atender a padrões estéticos e comportamentais, reforçando expectativas sociais sobre o corpo e a feminilidade.

Assim, os anos 2000 podem ser compreendidos como uma década de transição, na qual elementos tradicionais e novas formas de pensar e viver coexistiam. Esse contexto é fundamental para entender as produções culturais da época, que refletem tanto avanços quanto limites nas transformações sociais em curso, especialmente no que se refere ao lugar da mulher na sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Eu Quero Ser Famosa”

A música “Chic Chic”, interpretada por Kelly Key, apresenta uma narrativa que possibilita problematizar diferentes aspectos relacionados à condição feminina e às

ISSN: 2358-8829

relações de gênero, especialmente quando considerada no contexto cultural dos anos 2000. Desde os primeiros versos, ao afirmar que "ninguém me entende", a personagem expressa uma sensação de incompreensão e insatisfação diante da realidade que vivencia. Essa afirmação pode ser compreendida como um indicativo de conflito entre seus desejos individuais e as expectativas sociais associadas ao papel tradicional atribuído às mulheres, fruto de pedagogias de gênero e sexualidade implicadas em "rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções… processos profundamente culturais e plurais" (Louro, 2001, p. 11).

Na canção, a crítica às responsabilidades domésticas aparece nos versos "acordar, lavar, varrer, passar", que representam tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres. Essa rotina evidencia a sobrecarga feminina e a desigualdade na divisão do trabalho doméstico. Além disso, ao mencionar que precisa "aturar a família do mané", a personagem demonstra que também enfrenta cobranças nas relações familiares e afetivas, reforçando a discussão sobre as expectativas sociais impostas às mulheres.

Entretanto, a personagem não permanece passiva diante dessa realidade e é parte de processos de resistência às relações de poder (Foucault, 1995) que buscam conformar as feminilidades a determinados padrões de gênero. A afirmação "eu quero ser famosa, ser uma grande artista" introduz um desejo de transformação e de construção de uma trajetória própria. O sonho de tornar-se artista pode ser interpretado como uma busca por reconhecimento, autonomia e visibilidade, rompendo, ainda que simbolicamente, com uma posição feminina restrita ao espaço doméstico. A personagem passa a imaginar outras possibilidades para sua vida, nas quais pode ocupar o espaço público e construir uma identidade para além das funções tradicionalmente associadas à mulher.

Essa busca por autonomia, contudo, não significa uma ruptura completa com os padrões de feminilidade presentes na cultura midiática. Ao afirmar "eu vou passar batom" e "vou rebolar", a personagem associa sua transformação à aparência, à sensualidade e à performance corporal. Dessa forma, a música apresenta uma representação feminina marcada por uma importante ambiguidade: ao mesmo tempo em que a mulher demonstra insatisfação com as responsabilidades tradicionalmente atribuídas a ela e manifesta o desejo de conquistar reconhecimento e independência, sua construção como sujeito também permanece atravessada por padrões de beleza e comportamentos socialmente associados ao feminino.

ISSN: 2358-8829

Essa perspectiva dialoga com Souza e Rocha (2022), que, ao analisarem a música “Perfeitinha”, discutem as diferentes formas de construção da feminilidade nas produções culturais. As autoras contribuem para compreender que as representações femininas não se limitam à submissão ou à emancipação, pois esses aspectos podem coexistir e gerar contradições. Nesse sentido, em “Chic Chic”, a personagem questiona algumas expectativas sociais, mas também valoriza elementos tradicionalmente associados ao feminino, como a maquiagem, a sensualidade e a aparência

Essa ambiguidade torna-se ainda mais significativa quando compreendemos a música como uma pedagogia cultural. Na perspectiva dos Estudos Culturais, as produções midiáticas não são apenas formas de entretenimento, mas também espaços nos quais significados, identidades e relações de poder são produzidos e negociados (Silva Junior, 2023). Assim, “Chic Chic” não apenas conta a história de uma mulher insatisfeita com sua rotina, mas também participa da construção de determinados sentidos sobre o que significa ser mulher, sobre quais comportamentos são esperados dela e sobre quais possibilidades de existência podem ser imaginadas.

A contribuição de Judith Butler (2018) permite aprofundar essa interpretação. A partir da noção de performatividade de gênero, compreende-se que a feminilidade não é uma característica natural e fixa, mas é continuamente produzida e reiterada por meio de práticas, comportamentos e normas sociais. Nesse sentido, ações como passar batom, rebolar e valorizar a aparência podem ser entendidas como práticas que participam da construção de uma determinada feminilidade. Entretanto, essas mesmas práticas podem assumir diferentes significados dependendo do contexto, podendo tanto reforçar padrões sociais quanto ser utilizadas pela personagem como formas de expressão e construção de sua própria identidade.

Assim, a música não apresenta uma personagem simplesmente “liberta” ou “submissa”. O que aparece é uma mulher atravessada por diferentes discursos sobre o feminino. De um lado, estão as expectativas relacionadas ao trabalho doméstico, à família e às responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres; de outro, aparece o desejo de ser artista, alcançar reconhecimento e construir uma trajetória própria. Entre essas duas posições, a aparência e a sensualidade funcionam como elementos por meio dos quais a personagem também constrói sua identidade.

Portanto, analisar “Chic Chic” a partir dos Estudos Culturais em Educação permite perceber que a música não apenas ilustra a sociedade dos anos 2000, mas

ISSN: 2358-8829

participa da produção de significados sobre as mulheres e sobre suas possibilidades de atuação social. A personagem rompe parcialmente com o modelo feminino limitado ao espaço doméstico ao desejar tornar-se artista e conquistar reconhecimento, mas essa ruptura não elimina as normas de feminilidade que atravessam sua representação. É justamente nessa contradição que reside a riqueza da canção: ela evidencia que as representações femininas são construídas em meio a disputas, negociações e tensões entre normas sociais, desejos individuais e possibilidades de resistência.

“Cachorrinho”

A música “Cachorrinho”, interpretada por Kelly Key, apresenta uma representação do feminino marcada pela autonomia, pelo desejo e pela capacidade de estabelecer limites dentro de uma relação amorosa. Diferentemente de uma representação tradicional da mulher como aquela que deve aceitar passivamente as atitudes do parceiro, a personagem construída na música assume uma posição de enfrentamento diante de um relacionamento que não corresponde às suas expectativas. Logo no início da canção, percebe-se a insatisfação com o comportamento masculino e a necessidade de estabelecer uma relação baseada em seus próprios desejos e limites.

Ao longo da música, a expressão “cachorrinho” é utilizada para caracterizar o comportamento do homem dentro da relação. A comparação desloca, de maneira irônica, a posição tradicionalmente atribuída ao homem como sujeito dominante e à mulher como aquela que deve obedecer ou agradar. Nesse caso, é a personagem feminina quem estabelece as regras da relação e define aquilo que aceita ou não. A música, portanto, produz uma inversão de determinados papéis de gênero, colocando a mulher em uma posição de maior controle e protagonismo. Há um contexto no início dos anos 2000 onde o predomínio deste tipo de representação feminina, como nas músicas de Britney Spears, Destiny 's Child e Spice Girls, no seu último álbum (Silva Junior, 2023), ganha relevância pedagógica sobre muitas garotas.

Essa inversão pode ser compreendida a partir das discussões de Judith Butler (2019), para quem o gênero não é uma característica fixa ou natural, mas é produzido e reiterado por meio de normas e práticas sociais. Nesse sentido, “Cachorrinho” tensiona expectativas tradicionalmente associadas à feminilidade ao apresentar uma mulher que não ocupa uma posição passiva diante do relacionamento. Ela expressa sua insatisfação,

ISSN: 2358-8829

demonstra seus desejos e estabelece condições para a continuidade da relação, colocando em circulação uma possibilidade diferente de vivenciar a feminilidade.

Outro aspecto importante da música está relacionado à autonomia e à valorização da própria vontade. A personagem não demonstra interesse em permanecer em uma relação simplesmente para atender às expectativas sociais de ter um parceiro. Pelo contrário, sua postura indica que o relacionamento precisa corresponder aos seus desejos e limites. Essa representação pode ser compreendida como uma forma de empoderamento, uma vez que a mulher aparece como sujeito capaz de escolher, recusar e decidir sobre sua própria vida afetiva.

Assim como em "Chic Chic", o empoderamento em "Baba Baby" apresenta contradições, pois a autonomia feminina continua relacionada às normas de feminilidade da cultura pop. A personagem demonstra controle sobre sua sexualidade e suas escolhas, mas sua representação também é marcada pela sensualidade, pela aparência e pela sexualização do corpo. Dessa forma, a música evidencia como a liberdade feminina pode coexistir com padrões estéticos e comportamentais valorizados pela mídia, revelando as tensões entre autonomia e expectativas sociais impostas às mulheres.

É justamente nessa ambiguidade que a música se torna interessante para uma análise cultural. "Cachorrinho" não precisa ser compreendida apenas como uma música feminista ou, ao contrário, como uma simples reprodução de padrões machistas. Ela coloca em circulação sentidos diferentes e, por vezes, contraditórios sobre o que significa ser mulher. Ao mesmo tempo em que questiona a submissão feminina nos relacionamentos, também apresenta uma feminilidade associada à sensualidade, à aparência e ao corpo. São canções que "[...] também apontam para tensões e deslocamentos, nos quais emergem outras linhas discursivas" (Santos; Silva Junior, 2026, p. 10).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, essa aparente contradição evidencia que os produtos da cultura pop são espaços de disputa de significados. Como argumenta Silva Junior (2023), a cultura participa da produção de modos de vida e das formas pelas quais os sujeitos compreendem a si mesmos e aos outros. Assim, a música pode ser entendida como uma pedagogia cultural, pois ensina determinadas maneiras de pensar e vivenciar os relacionamentos, o desejo e a feminilidade.

ISSN: 2358-8829

Portanto, “Cachorrinho” evidencia uma das principais contradições presentes na produção de Kelly Key: ao mesmo tempo em que apresenta uma mulher que desafia determinadas formas de submissão e assume maior controle sobre seus relacionamentos, também mantém sua representação atravessada pela valorização da sensualidade e de padrões de beleza. A música, assim, produz uma feminilidade que combina autonomia e sexualização, mostrando que o empoderamento feminino na cultura pop dos anos 2000 não estava livre das normas e expectativas que historicamente recaem sobre os corpos das mulheres.

“Olha o Que Perdeu”

A música “Baba Baby”, interpretada por Kelly Key, apresenta uma representação feminina marcada pela autonomia, pela autoconfiança e pela valorização de si. Logo no início, a personagem relembra que o homem a considerava “muito nova”, mas que, depois que ela cresceu, passou a demonstrar interesse por ela. Essa mudança permite observar uma inversão na relação de poder, pois a mulher, que antes ocupava uma posição de desvalorização, passa a decidir se aceita ou não a aproximação masculina.

Essa autonomia aparece de forma mais evidente quando a personagem afirma que não acredita naquele “falso amor”. O trecho demonstra que ela não aceita passivamente a aproximação do homem e passa a questionar suas intenções. Nesse sentido, a mulher deixa de ocupar o lugar de quem espera ser escolhida e passa a assumir a posição de quem também escolhe e estabelece limites.

Essa representação dialoga com Rondon (2023), que, ao analisar a construção discursiva de Madonna, identifica representações femininas relacionadas ao poder, à liberdade, ao controle e à rejeição de relações que não valorizam as mulheres. Embora se trate de artistas e contextos diferentes, essa perspectiva contribui para compreender como a cultura pop pode colocar em circulação representações de mulheres que assumem maior controle sobre seus desejos e relações.

Outro trecho significativo aparece na expressão “agora eu sou mais eu”, que pode ser interpretada como uma afirmação de identidade e autovalorização. A personagem reconhece seu próprio crescimento e não demonstra necessidade de recuperar a atenção do homem que anteriormente não a valorizava. Ao contrário, sua fala reforça a ideia de que ela se reconhece como sujeito de suas próprias escolhas.

ISSN: 2358-8829

A expressão “olha o que perdeu” também produz uma inversão da lógica tradicional da conquista. Se, em determinadas representações, é o homem quem ocupa a posição de escolher e avaliar a mulher, na música essa posição é deslocada. É a personagem feminina quem passa a ocupar uma posição de maior controle, enquanto o homem é colocado diante daquilo que perdeu. Assim, a música contribui para representar a mulher não apenas como objeto do desejo masculino, mas como sujeito que pode avaliar, rejeitar e decidir.

Ao mesmo tempo, essa autonomia apresenta contradições. A valorização da personagem também passa pelo reconhecimento de sua desejabilidade, especialmente quando ela afirma “olha o que perdeu”. Assim, embora a mulher assuma uma posição de poder, sua valorização ainda dialoga com a ideia de ser desejada pelo homem. Essa ambiguidade evidencia que o empoderamento apresentado pela cultura pop não necessariamente rompe com todas as normas de feminilidade, podendo coexistir com padrões relacionados à aparência, ao corpo e à sexualidade.

A partir dos Estudos Culturais, essa contradição é importante porque demonstra que a música não produz um único significado sobre o feminino. Como aponta Silva Junior (2023), os produtos culturais participam da produção de significados, identidades e modos de vida. “Baba Baby”, portanto, pode ser compreendida como uma pedagogia cultural, pois coloca em circulação determinadas formas de compreender a mulher, os relacionamentos e o próprio exercício da autonomia.

“Baba Baby” retrata uma mulher que passa de alguém considerada “muito nova” para uma personagem que afirma sua autonomia ao dizer “agora eu sou mais eu”. A canção aborda o amadurecimento, a autovalorização e a liberdade de escolha, mas também revela contradições, pois a valorização feminina ainda pode estar ligada ao desejo e à aparência. Em conjunto com “Chic Chic” e “Cachorrinho”, reforça o protagonismo feminino e a busca por maior controle sobre as próprias decisões

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das músicas “Chic Chic”, “Cachorrinho” e “Baba Baby”, de Kelly Key, permitiu compreender como a cultura pop atua como uma pedagogia cultural, produzindo significados sobre o feminino. As canções apresentam mulheres que buscam reconhecimento, expressam seus desejos, estabelecem limites e fazem suas próprias

escolhas, questionando algumas normas tradicionais de gênero e assumindo o protagonismo em suas relações.

Por outro lado, esse protagonismo também está associado à sensualidade, à aparência e à valorização do corpo, evidenciando as contradições entre empoderamento e sexualização. Dessa forma, as músicas não podem ser compreendidas apenas como instrumentos de emancipação ou de reprodução de padrões machistas, pois apresentam significados contraditórios sobre o feminino. Como pedagogias culturais, elas contribuem para a construção de identidades e para a compreensão dos modos de ser mulher na sociedade.

Palavras-chave: Estudos Culturais em Educação; Gênero; Sexualidade; Cultura pop; Feminismo.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hupert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 7-34.

SANTOS, Joyse Thaciana Vasconcelos; SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. A Escola do Neiff: currículo cultural, gênero e sexualidade no brega funk. **Revista da RIECEdu**, Campina Grande, v. 1, 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Currículo Girl Power: Spice Girls e a representação da(s) mulher(es). **Lumina**, v. 17, n. 1, p. 161–178, 2023.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exibir, espionar e disciplinar. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 225-242, maio/ago. 2010.

RONDON, Henrique Junior Soares. Um bitch, she's Madonna: traços transgressores na prática discursiva de Madonna. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 25, 2023.

SOUZA, Elaine de Jesus; ROCHA, Eugerbia Paula. "Mulher não cabe em caixinha": problematizando machismos e feminilidades a partir da música "Perfeitinha". **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educaçã**o, v. 24, 2022